

ENSINO MÉDIO, EDUCAÇÃO FÍSICA E CONHECIMENTO

Flávio PEREIRA*

RESUMO

Objetivando testar os conhecimentos sobre Educação Física Escolar (EFE), utilizou-se prova teórica individual, com três temáticas: história e sociedade, cotidianidade e qualidade de vida, ginástica-esporte e fisiologia. Avaliou-se 280 escolares, média de idade 17,07 anos, 169 moças e 111 rapazes, todos do diurno, de última série do nível médio de ensino (NME), em 11 diferentes escolas, de 11 cidades do RS. Oscilando entre zero e 10, a maior nota foi 7,5, a menor 0,5, com 15,36% delas acima de 5,0. Mesmo não sendo estatisticamente significativas, foram mais elevadas as notas médias: das moças comparadas com as dos rapazes, dos escolares residentes em cidades com faculdades de EF comparadas os escolares das cidades sem esse curso, dos praticantes de EFE comparadas com os dispensados destas aulas e dos que somente se exercitavam na escola comparados com os que também o faziam fora dela. Correlacionadamente, elevando-se a renda familiar dos escolares diminuía-se suas notas. Foi estatisticamente significativa a diferença a favor das notas médias dos escolares com três aulas semanais de EFE confrontadas com as notas dos escolares com duas aulas. Questões sobre: frequência cardíaca, flexibilidade e a temática sócio-histórica tiveram menores percentuais de acertos. Valoriza-se a EFE por acreditar ser a origem dos conhecimentos encontrados, mas conclui-se que os escolares evidenciaram deficiências cognitivas ao concluírem o NME, com desconhecimentos aproximados da alienação político-cultural, sem assimilação crítica da cultura física escolar e não-escolar, o que dificulta a orientação para a exercitação física permanente, revelando o esgotamento do paradigma desportivo-recreativo escolar. Infere-se à problemas educacionais, centrados em insuficientes práticas pedagógicas, as quais refletem problemáticas envolvendo professores, alunos, cultura e sociedade.

UNITERMOS: Educação física escolar; Nível médio de ensino; Conhecimento.

INTRODUÇÃO

O presente estudo objetivou avaliar os conhecimentos de fundamentos de Educação Física Escolar (EFE), evidenciados por alunos de ambos os sexos, estudantes regulares de última série do nível médio de ensino (NME) no estado do Rio Grande do Sul (RS).

Neste texto, com o detalhamento dos procedimentos utilizados na coleta dos dados e do conteúdo da prova teórica, pretende-se facilitar aos leitores a elaboração de suas próprias conclusões. As constantes autocitações implicam em continuidade da linha de pesquisa do Autor, e em serem os únicos referenciais disponíveis quanto avaliação de conhecimento de EFE, no NME riograndense. Solicita-se que sejam consideradas: o

arcabouço teórico, as particularidades sócio-culturais do RS e as especificidades da EFE no NME.

Com população alvo de mesmo adiantamento, testagem de conhecimentos com forma e conteúdos similares já foram anteriormente divulgadas pelo Autor (Pereira, 1982, 1984, 1996, 1997, 1998 *a* e 1998 *b*).

A pesquisa foi desenvolvida em âmbito regional. O RS é estado mais meridional deste país diversificado culturalmente que é o Brasil. Seus habitantes, os riograndenses, entre costumes, hábitos alimentares e características de identidade cultural, também se diferenciam pela miscigenação e influência de imigrantes europeus (Ribeiro, 1995).

Tal como outros membros da

Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

federação brasileira, o RS também evidencia inúmeros problemas sócio-econômicos característicos de um estado pertencente a uma “nação emergente”, num mundo globalizado e de hegemonia capitalista. Pereira (1994), relata particularidades da EFE e cita determinadas questões, sócio-econômicas nacionais, as quais também eram sentidas no NME. Envolvendo a Educação formal no RS além da paralisação das aulas na rede estadual de ensino por mais de um mês no início do ano letivo de 2000 de 1979 até 1991 ocorreram nove greves nessa rede de ensino e uma greve nas redes privadas. Ainda conforme o estudo acima citado, de modo geral, as escolas estaduais também poderiam se tipificar pela singularidade de suas instalações para a EFE. Os estudantes eram, na sua quase totalidade, originários das camadas assalariadas da população. As alunas das escolas públicas iniciavam na adolescência a dupla jornada de trabalho e tinham menos possibilidades que os rapazes de se exercitar fisicamente, de modo significativo, fora da escola. Os alunos, tinham nas diversas formas do Futebol, a exercitação física não-escolar majoritária. Também genericamente, os professores necessitavam exercer dois e até três empregos, visando o aumento de seus rendimentos, o que se refletia escolarmente, em dificuldades de adequar horários e dias de aulas de EFE, acarretando problemas didático-pedagógicos.

A população brasileira, conforme o IBGE (1997), era de 152.374.603 habitantes, sendo 9.578.000 no RS. Sobre o NME, dados da INEP (1999), informam da existência de 18.221 escolas, 7.057.336 matrículas e 372.766 funções docentes, sendo que no RS eram, respectivamente, 1.015 escolas, 436.540 alunos e 25.156 funções docentes. E, conforme o Índice de Desenvolvimento Humano, com valor de 0,869, os gaúchos, em termos brasileiros, classificam-se em primeiro lugar, consideradas a expectativa de vida de 70,84 anos, PIB/*per capita* de US\$ 7.395,00 e taxa de alfabetização adulta de 92,81 % (United Nations Development Programme, 1998).

Referente ao NME, ainda que a antiga legislação sobre a EFE estabelecesse quase a sua universalidade, haviam muitas lacunas legais por onde os alunos poderiam ser dispensados de sua prática. A existência de elevados percentuais de escolares dispensados das aulas regulares de EFE no NME são relatados por Pereira (1994) e Baldini (1996). Dentre outros pontos, o antigo Dec. nº 69,450/71 enfatizava a prática desportiva-recreativa e rezava que as aulas tivessem a

freqüência de três vezes semanais. Porém, em realidade em muitas escolas a então *atividade* atualmente *componente curricular da Educação Básica* (artigo nº 26/3, da Lei nº 9.394/96) EFE acontecia, também em duas vezes, e até uma vez só por semana. Isto decorria que em várias escolas ocorriam aulas de forma “dobradinhas” (dois períodos de aulas seqüências num dia e um terceiro noutro dia da semana), tal como foi verificado por Pereira (1994).

No Brasil, e no RS, a EFE no NME tem uma hegemonia recreativa, privilegiando esportes coletivos de quadra: Andebol, Basquete, Futsal e Voleibol e, secundariamente formas ginásticas mais despojadas de implementos (Moreira, 1992; Pereira, 1994; Grassi, 1994; Guedes & Guedes, 1997; dentre outros).

Ao que pese a primazia da prática no cotidiano escolar, destas ações também se despendem/inter-relacionam-se elementos cognitivos, teóricos, os quais, tal como outros componentes da realidade da EFE, também são motivos de estudos.

A avaliação de conhecimentos em Educação Física, no sentido de testagem, voltando-se mais para os esportes, é abordada por Mathews (1980), e tratando mais da escola por Josué, *in* Faria Junior (1986). Negrine (1983), sem citar especificamente o NME, propõe testes de conhecimentos em EFE abordando regras e fundamentos desportivos de Atletismo, Basquete, Futebol, Andebol e Voleibol. Quanto a Ginástica, questões como: finalidades do aquecimento e descrição de exercícios para desenvolver os músculos de membros inferiores, superiores, abdominais e dorsais.

Barros (1992), informa, dentre outros pontos, de deficientes conhecimentos sobre EFE e, que muitos deles, os alunos os poderiam obter fora da escola, de forma similar ao que se encontra em Florindo *et alii* (1997).

De Bem *et alii* (1995), relatam que os alunos do NME, desejam que a EFE oriente e desenvolva habilidades motoras visando a prática desportiva, mas silenciam quanto ao componente teórico desta disciplina.

De Bem (1995), em estudo com o NME, desenvolvido em escolas públicas, destaca a falta de condições ideais para o desenvolvimento do trabalho docente, a evasão e dispensa dos escolares das aulas regulares de EFE, motivadas pela legislação vigente e a centralização dos conteúdos nas práticas desportivas.

Otte (1996), investigou o NME, onde

os escolares, participantes das aulas regulares de EFE e também membros das equipes de basquetebol escolar obtiveram melhores indicativos (não significativos estatisticamente) de conhecimentos sobre Educação Física que seus colegas, os quais somente participavam das aulas regulares desta disciplina.

Pires *et alii* (1997), em pesquisa no NME, informam do uso de teste cognitivo sobre EFE, com 33 questões e também da impossibilidade de “cobrar” dos alunos leituras ou tarefas domiciliares com regularidade.

Goulart Pires (1997), em estudo com alunos de primeira série do NME, com a EFE voltada para a atividade física e saúde, relatam que, nos processos avaliativos, se utilizou de teste cognitivo com 23 questões e que, ao final do programa, com duração de 18 semanas, houve aumento dos conhecimentos por parte dos alunos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Por *conhecimentos*, compreende-se elementos teóricos, cognitivos, de proficiência mental, vinculados a memória e à abstração. Conhecimentos decorrentes dos históricos de vida dos sujeitos, de cultura, pensamento, raciocínio, memorização, inter-relações gnoseológicas, etc. Envolve as capacidades humanas de recordar, calcular, analisar, sintetizar, comparar, criticar, etc.

Enquanto atributo essencialmente humano, o conhecimento é sócio-histórico, cultural, contraditório, construído, potencializado, questionável, afirmativo, renovável e transcendente. Porém, de acordo com Demo (1997), o conhecimento no seu contínuo refazer, ligando-se mais a metodologias de seu próprio aprendizado que a “conteúdos imutáveis” também pode servir à racionalidades perversas, aprofundando exclusões e degradações.

Conforme Sobral & Barreiros (1980), o termo “teste” surgiu nos fins do século passado para designar provas de aptidão intelectual. Dizem ainda que atualmente um teste deverá ser uma prova bem determinada, permitindo medir características precisas, comparáveis e reproduzíveis.

Como toda a avaliação, esta também se apoia em determinada concepção pedagógica. Consequentemente, o presente estudo também é fruto de um entendimento filosófico-pedagógico. É decorrência direta de determinada “moldura” epistêmica, axiológica e metodológica, a qual

envolve e fundamenta os conteúdos e categorizações utilizadas.

O conceito de Educação Física utilizado no presente texto compreende que:

A Educação Física é um meio de Educação Social que ocorre através - e para - a prática consciente, processual e metódica de atividades físicas gímnicas-desportivas que valorizam o conhecimento do corpo humano e objetivam o seu desenvolvimento. *Educação Física é a Educação corporal, via exercitação física, realizada necessariamente sob o prisma pedagógico, de unicidade sócio-biológica, que pelo desenvolvimento e treinamento de habilidades motoras e qualidades físicas, psíquicas e morais, visa à plena elevação cultural, harmoniosa e integral do homem.* Dialeticamente a Educação Física é um meio para a realização humana (Pereira, 1988, p. 111).

Como toda conceituação, esta também é limitada e excludente, porém, enfaticamente, privilegia a interação entre a prática, a gnoseologia e o desenvolvimento. Interliga o *biológico* (individual, corporal, subjetivo) e o *social* (coletivo, histórico, associativo). Compreende que o objeto principal de qualquer pensamento filosófico é o homem, em última análise, sua antropologia. Já o social interagindo com o individual referencia-se em que a sociedade produz o homem enquanto homem, assim o homem produz a sociedade. E, em interação, organizando, orientando essas polaridades em suas implementações *práticas* se encontram os referenciais pedagógicos-culturais, com ênfase nos procedimentos didáticos de tratamento dos conteúdos historicamente dados. Dialeticamente, se estabelece a relação entre o *subjetivo* (o individual, pois somente pessoas concretas, únicas, podem ser educadas), o *societário* (pois o homem concreto vive, objetivamente, em meio social, coletivamente), o *pedagógico* (referente aos amplos, metódicos e contínuos processos educativos) e o *cultural* (elementos construídos e utilizados pela humanidade, que no caso específico da EFE, valorizando formas ginásticas e esportivas, dentre outras).

Voltando-se, especificamente para a

EFE, a categoria *necessidade*, compreendida como objetivo pedagógico, evoca componentes constitutivos *particulares*, *exercitação física educativa*, planejamento, procedimentos de ensino, processos avaliativos, e *gerais*, cultura, sociedade, política, etc.

Sintética e inter-relacionadamente, as *necessidades pedagógicas* compreendem elementos “mínimos” sem os quais processos, fatos e coisas ficariam *incompletos*. Educativamente, as necessidades pedagógicas se caracterizam como conjunto, *totalidade*, de objetivos de ensino a serem atingidos e superados pela sua satisfação e, conseqüente negação, superação dialética. Enquanto carecimento humano, sócio-histórico, a categoria necessidade é concebida como *falta de algo*, sendo, por um lado complementar, por outro fundamental para que isso se desenvolva correta e eficientemente.

As necessidades pedagógicas na EFE implicam em - fundamentalmente, de forma diferenciada, didaticamente exercitar fisicamente os escolares. O conceito chave é o *exercício físico educativo escolar*. Sendo mais específico e mais particularizado que categorias como movimento ou atividade física, na EFE, o exercício físico compreende objetivações prático-pedagógicas, variações qualitativas-quantitativas da motricidade humana. São atos físicos humanos, sócio-culturais, diferenciados, visando desempenhos maximizados, educação humano-social, ludicidade, saúde, competição, etc. Assim, esse entendimento concorda parcialmente com o que propõem Caspersen, Powell & Christensen (1985).

No NME, a exercitação física educativa, ocorre em *ambiência escolar*. A escolar é o local criado especificamente com finalidades formativas, pedagógicas, nas quais, institucional, legal e burocraticamente, existem espaços temporais e materiais, para o acontecimentos das aulas. Ainda que, nas suas instalações e nas suas ações específicas, ocorram fatos e processos similares a também fatos e processos que acontecem noutros locais, a escola, difere, objetivamente, de ruas, de hospitais, de prisões, de quartéis, de laboratórios, ou *play-grounds*, etc.

O exercício físico é tipificado por ações *práticas*, pelas atividades dos seus sujeitos. Sem ação prática não há exercício. Assim, a EFE no NME, via exercitação motora, implica em processos objetivados de ensino-aprendizagem, os quais se implementam, principalmente, como formas ginásticas, esportivas, jogadas e de danças.

O exercício físico requer

motricidade, *interação cérebro-músculos*, salientando que, enquanto órgão componente do corpo humano, o cérebro é físico, sendo tão grande a sua importância para o movimento como a dos músculos estriados. O órgão *cérebro* também faz parte da corporeidade, e as conseqüências interativas de sua atividade, raciocínio, memória, criatividade, sentimentos, etc. são atributos característicos do ser humano.

O exercício físico educativo escolar, enquanto ato pedagógico, ato humano, pensado, para não ficar incompleto, requer, fenomenicamente, incluir o seu componente *cognitivo*, sua parte teórica, seu elemento “não-motriz”. Para ser educativa, a exercitação física escolar necessita que na sua implementação fatural, nas aulas, existam *espaços pedagógicos* para o tratamento do conhecimento. Espaço para explicações, questionamentos, informações inclusive com divulgação de livros, revistas, *sites*, etc. discussões, leituras e outras formas de se operacionalizar, didaticamente, no campo cognitivo-mental, o que foi/está/será sendo praticado e suas inter-relações. Tal como na “parte prática” das aulas, onde, dentre outras objetivações, são visados estímulos maximizados quanto ao componente motor como algo essencialmente humano e motivo de aprimoramento - também na “parte teórica” destas aulas, são necessários momentos de qualidade cognitiva, de aprofundamento dos conhecimentos.

A ligação da prática com a teoria, eleva o teor qualitativo das aulas de EFE e, assim, contribui positivamente para diferenciar as práticas pedagógicas. A capacitação docente para tratar, didaticamente, também do conhecimento, afastando-se do reducionismo prático-empiricista, possui o seu componente classista-cultural. Esta unicidade, teórico-prática, na sua realização didática, distancia a EFE de profissionais sem formação universitária. Impossibilita, pois, a ação de “curiosos” “ex-atletas” “interessados” os quais não dispõem de aprofundadas capacidades críticas-cognitivas, quanto a Sociologia, História, Biomecânica, Fisiologia, Política, Pedagogia, etc.

Como toda Educação formal, a EFE referencia-se pelas noções temporais de *imediate* e de *futuro*. O imediato é vital no acontecimento da EFE, na formação e no desenvolvimento dos escolares, porque é aqui e agora que eles vivem, exercem suas subjetividades. Nada substitui o cotidiano, a vivência concreta, objetiva, real, individual. E a onipotência de *Cronos* cobra-nos, a cada dia, tributos pelo tempo perdido, pelo não

realizado, pelos fracassos por omissão. Já o futuro evoca objetivos de perenidade como uma das conseqüências dos processos formais de ensino-aprendizagem. O futuro não é sinônimo de eternidade. Refere-se a um período de tempo não muito longo, atinente a vida adulta dos atuais escolares e, no máximo, subsequentes outras gerações. Se, escolarmente, para Língua Portuguesa ou para a Matemática, ensina-se, minimamente, expressar-se verbalmente de modo correto, interpretar, escrever, analisar, calcular, abstrair, etc. ao longo de toda a vida e não apenas até o final da adolescência, também os benefícios da EFE, imperiosamente decorrentes da exercitação física educativa, requerem ser perenes, para, em realidade afirmar-se como elementos com significância para as subjetividades, e por conseguinte, para a sociedade. Relembre-se que, normalmente, se vive a maior parte da existência enquanto adultos. Assim, a EFE tem como uma de suas principais referências, a *exercitação física continuada*.

Na EFE, a ludicidade, o prazer do sujeito da prática cultural, também é um elemento fundamental. A prazerosidade é indispensável para a exercitação física continuada, autônoma, crítica e conscientemente praticada. A EFE, visando a exercitação física permanente não se reduz, maniqueísticamente, em: ou EFE para a saúde, ou para EFE desportiva-recreativa. É, sim, uma premissa de ação perene *para a toda a vida*, para a cultura, de amplo espectro, para a alegria, para o *desenvolvimento do ser humano*. No campo da cultura física, somente é viável a exercitação motora se ela trazer satisfação para quem a pratica. Não se pode esperar que, na ocupação autônoma do tempo livre, alguém realize algo, se não o fizer com alegria, com gosto. Daí o exercício físico educativo escolar referenciar-se, necessariamente, pela sua implementação didático-pedagógica, compreendida e otimizada, de forma prazerosa. Mas essa prazerosidade, por, primeiramente, orientar-se pedagogicamente, implica no cuidado didático do lúdico escolar ser efetivamente diferenciado do lúdico não-escolar, do senso comum, como muito bem destaca Snyders (1992).

Como a exercitação física, imediata e futura, somente pode ocorrer concretamente em *determinadas condições, materiais-instalativas* historicamente determinadas, é objetivo da EFE tratar do conhecimento o mais aprofundadamente possível. Necessita tematizar a realidade circundante e mais ampla, passada, imediata e

ulterior, ainda que esta última de forma potencial e mesmo “futurística” sob determinadas perspectivas de antevisão de possibilidades culturais ainda não dadas. A EFE requer ir a fundo também em esclarecimentos de cunho antropológicos e sociológicos. Necessita demonstrar que o futuro de práticas vinculadas à EFE, podem, “devem” passar pelo ambiente escolar, para qualificar os sujeitos destas atividades. O real é real tanto por ser limitante como por ser potencial. Educar, desenvolver o gosto dos escolares por práticas culturais as quais possuam as características de serem passíveis de práticas sistemáticas ao longo de toda a vida é uma questão fundamental para a EFE. Assim, pugna-se para a EFE seja assimilada para fazer parte de verdadeira “filosofia de vida” necessitando, pois “passar dos planos de aulas para os planos de vida” da cultura escolar para a cultura cotidiana não-escolar, da EFE para a cultura física.

A vinculação entre a escola e a cultura no futuro, com a EFE divulgando os benefícios da exercitação física e hábitos saudáveis de vida não é novidade. Singer (1996), diz que, a todo o momento se tem testemunho dos benefícios, em particulares os orgânico-motores, decorrentes da exercitação física continuada. Nesse campo, sinteticamente, pode-se listar, desde os clássicos estudos de Morris *et alii* (1973), até mais recentes como de Blair *et alii* (1989) e de Paffenbarger *et alii* (1993).

Mas a cultura extra-escolar existe em função de *participações sociais* concretas. Então, também como objetivo de ensino, para ir além do simples conhecimento da realidade, a EFE, incentiva, didaticamente, que os escolares, em particular os adolescentes, do NME – os quais, objetivamente, se diferenciam tanto de crianças das séries iniciais de escolaridade, como de adultos já responsáveis por prole ou de idosos aposentados - intervenham ativamente na cultura, na sociedade. Participação consciente esta, tanto no campo específico da exercitação física, como noutras instâncias com as quais ela interage, como nas instituições políticas-partidárias, associativas-comunitárias, clubísticas, organizações não-governamentais, etc. Tal como não basta apenas conhecer os benefícios da exercitação física, pois para obtê-los é imperioso o envolvimento do sujeito, também no campo social, é necessária a participação ativa, consciente, ética dos cidadãos, dos sujeitos das políticas sócio-culturais.

Para melhor operacionalizar as práticas sociais, políticas e culturais, nos diversos

níveis e referenciadas genericamente pela EFE, faz-se necessário a *autodisciplina*. A autodisciplina, como forma normatizadora de intervenções metódicas, conscientes e autônomas de otimizar o tempo e a energia disponíveis, com a devida objetividade, também é possível de ser desenvolvida na EFE. A disciplina também pode ser caracterizada como “resultado geral do processo educativo”. Assim, como um objetivo da EFE, visando participações otimizadas, conscientes e críticos, para a exercitação física imediata e futura, tem-se que os alunos necessitam dispor, dentre outros atributos, de habilidades, ideais, autoconhecimento e de auto-respeito.

Interligadas com experiências passadas do Autor, como professor de EFE no NME, e suas publicações anteriores, resumidamente, tem-se como as bases filosófico-pedagógicas deste estudo obras de Makarenko (1976 e 1981), nas proposições de exigir e respeitar os alunos, da ação política e atribuição aos educadores de responsabilidades pelas atividades pedagógicas; Suchodolski (1977 e 1984), na Educação, com essencialidade humana, voltada para o imediato e o futuro, para “cultura de todos os dias e não só de domingo”; Gramsci (1978), na luta contra o senso comum e no acelerar e disciplinar os processos pedagógicos; Snyders (1978, 1981 e 1992) e Saviani (1986), pela política interagindo com a escola e na necessidade de se privilegiar o desenvolvimento dos conteúdos de ensino; Heller (1978, 1982 e 1989), sobre os carecimentos humanos-sociais, axiologia, subjetividade, sentimentos, contextualização, essencialidade e cotidianidade; Cury (1985), quanto as categorizações e aos componentes básicos dos processos educativos; e Vázquez (1990) quanto a praxiologia. Na EFE, referente ao sucesso pedagógico-didático, criticamente, aceita-se contribuições de: Siedentrop (1983), ao tratar das interações positivas e motivacionais nos processos de ensino; Pieron (1988), no centrar as ações nas aulas como fase decisiva do sucesso pedagógico; e Carreiro da Costa (1995), onde ao estudar o sucesso pedagógico, dentre outros pontos, destaca que a qualidade de ensino pode possibilitar que a escola não reproduza ou agrave diferenças sociais injustas.

Porém, como todo suporte filosófico-didático-pedagógico, também para o presente - onde muito de seus elementos foram elaborados para outras especificidades e para outras épocas - se requer uma certa “depuração” atualização, contextualização e utilização crítica. E, é em nome

da crítica conseqüente que não se aceita *in totum* tudo o que é publicado. Assim, do embasamento filosófico-pedagógico citado, é descartado o que afasta da essência deste texto.

METODOLOGIA

Limitada, como toda a pesquisa, criticável, como toda a ação humana, particularizada, ao voltar-se para a EFE, datada, quanto ao período sócio-histórico vivido e regionalizada, quanto a sua abrangência geográfica, o presente estudo, objetivou avaliar os conhecimentos dos escolares do NME.

Esta pesquisa não pode ser tomada como componente de um processo pedagógico regular, formal, no qual ações avaliativas - em íntima interligação com: objetivos, planejamento, conteúdos, procedimentos didático-pedagógicos e condições materiais/instalativas - fizessem parte integrante dos mesmos. Desconhecia-se os escolares avaliados, bem como não teve-se com eles nenhum outro contato. A presente avaliação compreende uma testagem de conhecimentos, como melhor e mais apropriado instrumento de pesquisa para uma grande amostra, o qual propiciasse a generalização dos resultados. Sem deméritos formalistas, possui um caráter universalista, pois foi igual para todos os escolares e instituições.

Esta pesquisa requer ser entendida como uma atividade científica, na área humano-social, desenvolvida em ambiente escolar, tendo como sujeitos estudantes adolescentes. Optou-se pesquisar o NME, devido: aos anteriores envolvimento do Autor com este nível de escolarização; a importância do NME, representado inclusive pela sua expressão quantitativa, mais de *sete milhões de matrículas*: por ser, para muitos estudantes, uma das últimas oportunidades de se exercitar fisicamente sob a orientação de um profissional com nível superior; e também por tratar-se de um período extremamente importante na vida dos escolares, quando eles tomam decisões as quais influem sobre o resto de suas existências, como na escolha de uma profissão.

No NME, os escolares possuem significativas experiências e *grandes vivências* com a EFE. Eles teriam tido aulas regulares de EFE desde a quinta série do ensino fundamental. Etariamente, disporiam de melhores capacidades intelectuais para responderem as questões do teste.

Coerente com a linha filosófica a qual orienta este estudo, o nível mais desenvolvido é que serve de base para se analisar os níveis inferiores. Ou seja: "A anatomia do homem é a chave para a anatomia do macaco" Para se estudar, com as maiores exigências a EFE, é requisito estudá-la no seu nível mais adiantado. No presente caso, na última série do NME. E, em nossa cultura, atualmente, pessoas com 16 anos de idade podem votar, muitos já exercem atividades profissionais e algumas alunas nessa faixa etária já são mães.

O critério seletivo, de escolha destas instituições, orientou-se pelas possibilidades das mesmas satisfazerem os requisitos de: possuírem, regularmente o NME com turmas de última série e com aulas regulares de EFE com frequência mínima de duas vezes por semana em período diurno. Que essas escolas concordassem na coleta dos dados e, se situassem, espacialmente, de forma a abranger as diversas regiões geográficas e principais aglomerações populacionais do RS.

As onze escolas estudadas tinham um número médio de 1.265 alunos no NME. A maior tinha 2.700 estudantes e a menor apenas 249. Nas instituições estudadas havia um número médio de 6,45 turmas de última série do NME, sendo que na maior instituição existia 13 turmas e na menor somente duas. O número médio de alunos de terceiros anos era de 200, com um número máximo de 2.100 e um mínimo de 65. Nesses números também estão incluídos escolares do noturno.

Um maior aprofundamento sobre o que significa a amostra - 280 casos, 169 alunas e 111 alunos no universo escolar do NME no RS, apresenta problemas devido a não se dispor de dados específicos, quanto o número exato de escolas as quais oferecem efetivamente a EFE. Em escolas citadas nas estatísticas, em muitas o NME era somente noturno, e assim, sem EFE. Noutras o NME era diurno e noturno, e assim, devido a dispensas diversas, somente uma parte dos escolares dispunham de EFE.

Em cada escola, com uma turma escolhida aleatoriamente, estando todos os alunos em sala de aula, utilizando todo um período regular de cinquenta minutos, eles responderam a uma prova teórica. Com questões descritivas, ou com possibilidades de uso de desenho e redação, e de múltipla escolha. Esse instrumento, típico de processos avaliativos de diversas disciplinas escolares, foi validada, tanto quanto a forma, complexidade dos enunciados e respectivas respostas por professores de Língua Portuguesa. E quanto aos conteúdos por professores de EFE.

Todos educadores com mais de dez anos de experiência profissional no magistério no NME.

Após explanar aos escolares os objetivos do estudo, e a condição única de necessitar a colaboração responsável e conseqüente, pedia-se para que respondessem a prova com o máximo de veracidade e de empenho individual. Somente eles poderiam propiciar as informações requeridas. As classes/cadeiras eram afastadas uma das outras visando o sigilo e individualidade nas respostas. Era-lhes solicitados que deixassem sem resposta aquelas questões sobre as quais tivessem dúvidas, a fim de que a marcação aleatória não mascarasse os resultados. Depois de distribuir os textos a cada um aluno, o Autor lia o enunciado de cada questão, explicava, esclarecia, exemplificava, demonstrava, perguntava se tinham dúvidas, aguardava um certo tempo para que eles respondessem e, a seguir, tinha o mesmo procedimento para com o próximo o item. Posterior a última resposta, ainda era propiciado um novo espaço temporal para que os escolares revisassem a prova.

Antes de iniciarem a responder a prova, os escolares informaram sobre a renda familiar mensal, sobre a frequência semanal e os conteúdos desenvolvidos nas aulas regulares de EFE no ano letivo da coleta de dados; se eles estavam dispensados ou não destas aulas; e quais eram suas atuais práticas gímnicas-desportivas-recreativas realizadas regularmente fora da escola.

Durante todas as coletas dos dados, os estudantes participaram conforme o esperado. Não ocorreu nenhum comportamento que comprometesse a seriedade na aplicação da prova. Durante o teste não aconteceu nenhuma só demonstrações de falta de vontade, nem risos, nem brincadeiras, nem o abandono da sala de aula ou recusa em realizar o teste.

A coleta dos dados foi realizada no segundo semestre letivo de 1996 e nos dois semestres de 1997.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Constatações

Coletou-se dados em onze diferentes escolas de onze diferentes municípios do RS, as quais variaram em extremos populacionais de 1.306.195 e de 30.631 habitantes, com uma população média de 270.333 de moradores.

Das 11 cidades, em quatro não

existiam faculdades de Educação Física e tinham uma população média de 74.067 habitantes. Nas demais cidades a média populacional era de 383.485 habitantes. Nestas, as notas médias obtidas pelos alunos no teste cognitivo, foram superiores as notas das outras quatro cidades em 0,18 pontos. As notas dos estudantes em cidades onde existiam faculdades de Educação Física, média de 3,50 ($\pm 1,36$), confrontadas, através de análise de variância, com notas de escolares de cidades sem essas faculdades, média de 3,32 ($\pm 1,35$), mostram diferenças não significativas ($p < 0,2982$).

Uma escola pertencia a rede federal de ensino, outra a rede particular e nove pertenciam a rede estadual. Destas, uma escola tinha somente turmas femininas.

A média de idade dos escolares foi de 17,07 anos, com extremos de 15 e 24 anos. Isto os caracterizam como “alunos-padrões”, majoritariamente não-repetentes.

O estudo de uma escola ligada a rede particular de ensino contribuiu para elevar a renda média familiar dos escolares. Dos 151 estudantes que informaram dos percebimentos familiares, 68,86% se situaram entre 4 e 15 em salários mínimos (SM) de renda mensal, muito acima da média de renda nacional. A renda média familiar encontrada foi de 14,33 SM (com um grande desvio padrão de 30,05). Correlacionando-se as notas com a renda familiar dos escolares (Correlação de Speerman, $r = 0,1588$, $p < 0,0462$), verificou-se que as notas mais altas foram obtidas

pelos escolares com renda mais baixa.

As aulas regulares de EFE aconteciam em 2 períodos semanais (uma aula isolada num dia e noutro duas aulas seguidas, como aula “dobradinha”) em seis escolas. Em outras três instituições as aulas ocorriam em 3 períodos distintos. Noutras duas escolas, para as moças as aulas eram em 3 dias e para os rapazes em 2, com aulas “dobradinhas”. As notas dos escolares que dispunham de aulas 3 vezes por semana, média de 4,01 ($\pm 1,35$), confrontadas através de análise de variância, com notas daqueles cujas aulas eram de apenas 2 vezes semanais, média de 3,12 ($\pm 1,26$), mostraram diferenças significativas ($p < 0,0001$).

Encontrou-se um elevado percentual de escolares dispensados da prática da EFE. Não participavam de aulas práticas um total de 33,16% dos escolares, sendo 23,43% de alunos e 39,64% de alunas. As notas médias dos escolares que participavam das aulas regulares de EFE foram mais altas que as dos dispensados. A análise de variância, confrontando as notas dos escolares praticantes, média de 3,48 ($\pm 1,31$) e dos dispensados, média de 3,31 ($\pm 1,44$) encontrou diferença não significativa ($p < 0,3290$).

No quadro a seguir, apresentam-se os conteúdos de EFE e seus percentuais, tal como foram citados pelos escolares.

QUADRO 1 Conteúdos de educação física escolar, e percentuais de ocorrência, quanto ao sexo e no geral.

Conteúdos	Masculino - %	Feminino - %	Geral %
Ginástica	15,15	21,42	18,03
Atletismo	3,03	3,57	3,27
Andebol	6,06	7,14	6,55
Basquetebol	18,18	7,14	13,11
Futebol	18,18	3,57	11,47
Futsal	12,12	7,14	9,83
FutSete	3,03	3,57	3,27
Voleibol	15,15	25,00	19,67
Caminhadas	3,03	3,57	3,27
Corridas	6,06	3,57	4,91
Dança	-----	7,14	3,27
Jogos	-----	3,57	1,63
Ping-Pong	-----	3,57	1,63

Das 13 formas de exercitação física citadas como conteúdos regulares de EFE, ordenadamente foram: Voleibol = 19,67%; Ginástica = 18,03%; Basquete = 13,11%; Futebol = 11,47%; Futsal = 9,83%; Handebol = 6,55%; Corridas = 4,91%; Atletismo, Futsete, Caminhadas, Dança e Jogos = 3,27% cada. A exercitação física sob a forma de “Caminhadas” e de “Corridas” práticas não-competitivas, visando o desenvolvimento do condicionamento físico, podem se enquadrar no campo da Ginástica. Os

“Jogos” compreenderam as formas esportivas de quadra, praticadas eminentemente recreativas, bem como jogos pré-desportivos e formas recreativas-jogadas destinadas para séries iniciais, utilizadas como conteúdos regulares de EFE em turmas femininas, de formação em Magistério.

Com similaridades e com diferenças quanto as formas de exercitação física escolar e não-escolar, no quadro a seguir, apresentam-se os tipos e os percentuais de práticas de exercitação física não escolar.

QUADRO 2 - Conteúdos de educação física não-escolar, e percentuais de ocorrência, quanto ao sexo e no geral.

Conteúdo	Masculino - %	Feminino - %	Geral - %
Ginástica	6,41	32,87	19,20
Futsal	26,92	5,47	16,55
Futebol	26,92	2,73	15,23
FutSete	2,56	-----	1,32
Voleibol	7,69	23,28	15,23
Basquetebol	3,84	2,73	3,31
Musculação	6,41	2,73	4,63
Corridas	3,84	2,73	3,31
Natação	6,41	1,36	3,97
Ciclismo	2,56	8,21	5,29
Pádel	1,28	----	0,66
Dança	1,28	1,36	1,32
Tênis	1,28	-----	0,66
Tênis de Mesa	1,28	-----	0,66
Caminhada	1,28	15,06	7,94
Artes Marciais	-----	1,36	0,66

Dos 280 escolares estudados, 53,92%, (72,27% de alunos e 43,19% de alunas), realizavam algum tipo de exercício físico regular fora da escola, na época da coleta dos dados. Das 16 formas de exercitação física não-escolar, ordenadamente, foram: Ginástica = 19,20%, Futsal = 16,55%, Futebol e Voleibol = 15,23%, Caminhadas = 7,94%, Ciclismo = 5,29%, Musculação = 4,63%, Natação = 3,97%, Basquete e Corridas = 3,31%, Futsete e Dança = 1,32%, Tênis, Tênis de Mesa, Pádel e Artes Marciais = 0,66% cada. “Caminhadas” e “Corridas de Rua” realizadas visando a manutenção/desenvolvimento da condição física, com objetivos não-competitivos, enquadram-se no campo ginástico e foram colocadas em separado por suas particularidades de ocorrência. Enquadra-se como “Ciclismo” as atividades envolvendo bicicleta, realizadas com fins recreativos, regularmente e sem fins competitivos, como atividade de tempo

livre. O Pádel, esporte praticado em duplas, com raquetes, derivado do Tênis, como uma característica desportiva da zona Sul do RS e da fronteira com os países do Prata teve, oficialmente, aportuguesado a sua nomenclatura. No campo das denominadas Artes Marciais, se enquadram as lutas (esportes de combate) como: Judô, Karatê, Capoeira, Taekwondo, e outros. A forma de dança masculina atinha-se as danças gaúchas, desenvolvidas em Centro de Tradição Gaúchas, os CTGs, típicos clubes riograndenses, com toda uma diferenciação administrativa e mesmo arquitetônica, voltados exclusivamente para o folclore do regional.. A dança feminina era desenvolvida em academia, comum as similares brasileiras.

Confrontando as notas dos escolares somente com prática EFE. Média de 3.47 ($\pm 1,33$), e as notas daqueles com práticas regulares de

exercícios físicos também fora da escola, média de 3,38 (\pm 1,39), através de análise de variância, verificou-se diferença não significativa ($p < 0,5629$), a favor dos escolares que se exercitavam apenas na escola.

A prova cognitiva foi composta pelas seguintes questões:

Nº 1: *O seguinte texto: "É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um ..." encontra-se em:* Marcaram acertadamente a alternativa "D", (Constituição Brasileira de 1988), 21,78% dos escolares. Ordenadamente, os erros foram: deixar em branco a questão, 38,21%; alternativa "B", 21,43%; alternativa "A" 8,93%; alternativa "C" 6,79% e alternativa "E", 2,86%.

- Nº 2: *Na Grécia Antiga, no chamado "Século de Péricles" competiam no Jogos Olímpicos:* Acertaram a alternativa "B" (Somente cidadãos gregos do sexo masculino) 39,64 % dos escolares. Ordenadamente, os erros foram: deixar em branco, 24,28%; alternativa "C" 17%; alternativa "A", 15,51%; alternativa "D", 2,5% e alternativa "E" 1,07%;

- Nº 3: *Atualmente, a Educação Física extra-escolar (ginástica e esportes) é regulamentada e fiscalizada quanto a qualificação dos professores e conteúdos desenvolvidos, por:* Marcaram a alternativa certa, "E" (inexistia legislação sobre o assunto), 18,21% dos escolares. Ordenadamente, os erros foram: alternativa "C", 34,28 %, deixar em branco a questão, 29,30%; alternativa "B", 9,28%; alternativa "D", 4,64% e alternativa "A". 4,29%.

Nº 4: *Na realidade cotidiana, a prática da Educação Física escolar e extra-escolar é determinada/condicionada pela posição sócio-classista dos sujeitos da prática. Sim ou não e porque?* Dos 280 escolares, 32,14% responderam que *sim* e atribuíram uma relação de causalidade principalmente quanto a condição de pobreza, elencando fatores pecuniários, de custo das práticas, em dinheiro, e temporais, sobre o limitado tempo livre disponível. Ordenadamente, os erros foram: Responder simplesmente *não* ou *nenhuma*, sem justificar, 31,42%; deixar em branco a questão, 21,57%; escrita sem coerência, como quando citaram que somente na prática não-escolar existiam determinações econômicas, sociais e/ou classistas, 7,27% e responder de forma incompleta, somente *sim* ou *tem*, 7,60%.

- Nº 5: *Qual a relação que encontras entre política e Educação Física Escolar?* Responderam acertadamente, que havia relação,

somente, 15,71% dos escolares. Ordenadamente, os erros foram: responder somente *não*, 42,85%; deixar em branco a questão, 26,78%; respostas com escrita desconexa ou incoerente, como *nada a ver*, 1,09%.

Nº 6: *Cite 3 conseqüências do sedentarismo.* Responderam acertadamente, 43,92%. Ordenadamente, os erros foram: deixar em branco a questão, 29,28%; citar apenas duas conseqüências, 11,09%; citar somente uma conseqüência 8,81% e redigir texto desconexo, incoerente, 6,9%.

- Nº 7: *Cite 3 conseqüências decorrentes do desenvolvimento da Resistência Aeróbica.* Citaram corretamente, 27,14%. Ordenadamente, os erros foram: deixar em branco, 30,35%; citar apenas duas conseqüências, 18,27%; citar somente uma, 16,48% e respostas incoerentes, desconexas, 7,76%.

Nº 8: *Descreva um exercício de relaxamento corporal (posição corporal, duração, ação, etc.)* Descreveram um exercício, de forma coerente com o enunciado da questão, 24,64%. Ordenadamente, os erros foram: deixar em branco, 31,78%; desenhar/citar somente um exercício de alongamento, 18,21%; respostas incoerentes ou desconexas, 9,64%; desenhar ou redigir sobre somente a posição deitada, sem outros dados, 6,42%; desenhar ou citar exercícios ginásticos, de força, como agachamentos, 5,0%; citar somente dormir, 2,85%, outras respostas errôneas, 1,46%.

A questão nº 9 foi subdividida em quatro partes. O enunciado era: *Identifique, o mais técnico possível, a musculatura principal envolvida nos seguintes exercícios:* Logo abaixo de quatro grupos com duas figuras, havia espaço para citar o/os músculos responsáveis diretos pelos movimentos.

Figuras 9.1: Exercício "Apoio" a) Corpo ereto, na horizontal, pés unidos, cotovelos estendidos, e mãos com afastamento igual a largura dos ombros, apoiadas no solo, olhar para a frente. b) Todo o corpo na posição anterior, mas com os cotovelos fletidos e queixo quase tocando o solo. Os acertos foram 56,78 %. Ordenadamente, os erros foram: peito/peitoral, 14,28 %; bíceps, 13,92%; deixar em branco, 5,11%; abdominal, 2,85%; apoio, 2,64%; costas, 2,57% e escrita desconexa, 1,85%.

- Figuras 9.2: Exercício de "Inclinação frontal. a) Corpo na vertical, olhar a frente, mãos unidas na nuca, tronco ereto, joelhos estendidos, calcanhares unidos. b) Todo o corpo na posição anterior, leve flexão dos joelhos,

inclinação do tronco ereto à frente, até cerca de 45^o. Ocorreram 30,71 % de acertos. Ordenadamente, os erros foram: deixar em branco 23,92%; coluna, 13,92%; abdominal, 10,35%; pernas, 6,07%; tronco, 6,07%; escrita desconexa, 4,32%; coxas, 2,5% e alongamento, 2,14%.

- Figuras 9.3: Exercício "Abdominal" a) Sujeito em decúbito dorsal, olhar para cima, tronco ereto, membros superiores cruzados frente ao peito, joelhos fletidos e pés unidos. b) Todo o corpo na posição anterior, mas com o olhar para frente, mantendo o tronco ereto, fletir o quadril até cerca de 45^o. Os acertos foram 87,85%. Ordenadamente, os erros foram: deixar em branco a questão, 5,35%; tronco, 2,85%; pernas, 1,44%; barriga, 1,43%; coxas, coluna e escrita desconexa cada um com 0,36%.

- Figuras 9.4: Exercício "Agachamento" a) Corpo na vertical, olhar a frente, mãos unidas na nuca, tronco ereto, joelhos estendidos, calcanhares unidos e ponta dos pés afastadas. b) Todo o corpo na posição anterior, mas com um leve afastamento dos joelhos e flexão dos mesmos em cerca de cerca 45^o e pequena elevação dos calcanhares. Os acertos foram 24,28%. Ordenadamente, os erros foram: pernas, 53,57%; deixar em branco, 10,04%; panturrilha, 4,28%; "agachamento", 3,25%; escrita desconexa, 1,78%; joelho e quadril, cada um com 1,42%.

- Nº 10: *Descrevas como realizarias o aquecimento antes de um jogo de Voleibol em mês como maio ou outubro.* Existindo espaço para redação, os acertos foram 19,64%. Ordenadamente, os erros foram: deixar em branco, 17,85%; alongamentos, 16,42%; corridas, 14,08%; exercícios ginásticos localizados, 10,31%; alongamentos e corridas, 9,34%; corridas e exercícios ginásticos localizados, 7,02%; escrita desconexa, 3,92%; "toque de bola" 1,42%.

- Nº 11: *Sublinhe a figura que indica a posição corporal mais apropriada no levantamento de um peso do solo (por exemplo: um botijão de gás de cozinha).* Existiam quatro diferentes figuras, sendo apenas com a manutenção da coluna ereta e flexão dos joelhos. Ocorreram 83,21% acertos, alternativa "B". Ordenadamente, os erros foram: alternativa "D" 5,71%; alternativa "C" 5,36%; alternativa "A" 4,29% e deixar em branco, 1,43%.

- Nº 12: *Quando estiveres com quarenta (40) anos de idade, a sua frequência cardíaca máxima teórica calculada será de*

batimentos por minuto. Encontrou-se 3,21% acertos. Ordenadamente, os erros foram: deixar em branco 52,5%; oitenta, 13,92%; sessenta, 5,35%; noventa, 4,28%; setenta, 3,93%; cento e vinte, 2,85%. Citação de números como 35, 53, 75, 79, 130, 200, 260 e outros, perfizeram 13,97% das respostas.

A questão nº 13 foi subdividida em duas partes.

- Nº 13.1: *Descreva ou desenhe um exercício de flexibilidade visando a região lombar e posterior da coxa.* Existindo espaço para redação e desenho, os acertos foram 20,7 %. Ordenadamente, os erro foram: deixar em branco, 39,64%; desenharam exercícios ginásticos, onde, inclusive, em muitos casos, eram usados com grandes anilhas e pesos, 22,5%; desenharam ou descreveram o exercício ginástico "agachamento" 13,21% e desenharam ou redigiram respostas desconexas, 3,94%.

Nº 13.2: *Cite uma indicação de uso deste exercício.* Ocorreram 6,42% acertos. Ordenadamente, os erros foram: deixar em branco, 54,64%; repetir que era "destinado a flexibilidade" 21,78% e desenhar ou redigir respostas desconexas, 17,16%.

Nº 14: *Cite 3 procedimentos, comportamentos, hábitos cotidianos, para melhorar a Qualidade de Vida.* Existindo espaço para as citações, os acertos foram 57,14%. Ordenadamente, os erros foram: citação de apenas dois procedimentos corretos, 15,35%; nos três procedimentos, repetir um, como "alimentar-se bem" e "comer certo" ou "fazer ginástica" e "fazer exercício" 14,28%; citar apenas um procedimento, 7,14%; deixar em branco a questão, 5,0% e escrita desconexa, 1,09%.

- Nº 15: *Durante uma corrida a pé, de 20 minutos, a respiração mais indicada é:* Marcaram a alternativa certa, "C" 37,5%. Ordenadamente, os erros foram: alternativa "D" 27,14 %; alternativa "B" 25,35%; alternativa "A" 4,28%; alternativa "E" 3,92% e deixaram em branco a questão, 1,81%.

Na correção do teste, valorizou-se ao máximo as respostas dos escolares. Na dúvida, quanto a um desenho ou a um texto, as questões sempre eram interpretadas positivamente.

Uma visão geral do percentual de acertos - sendo 87,35% o mais elevado - e as respectivas questões, encontra-se no gráfico a seguir:

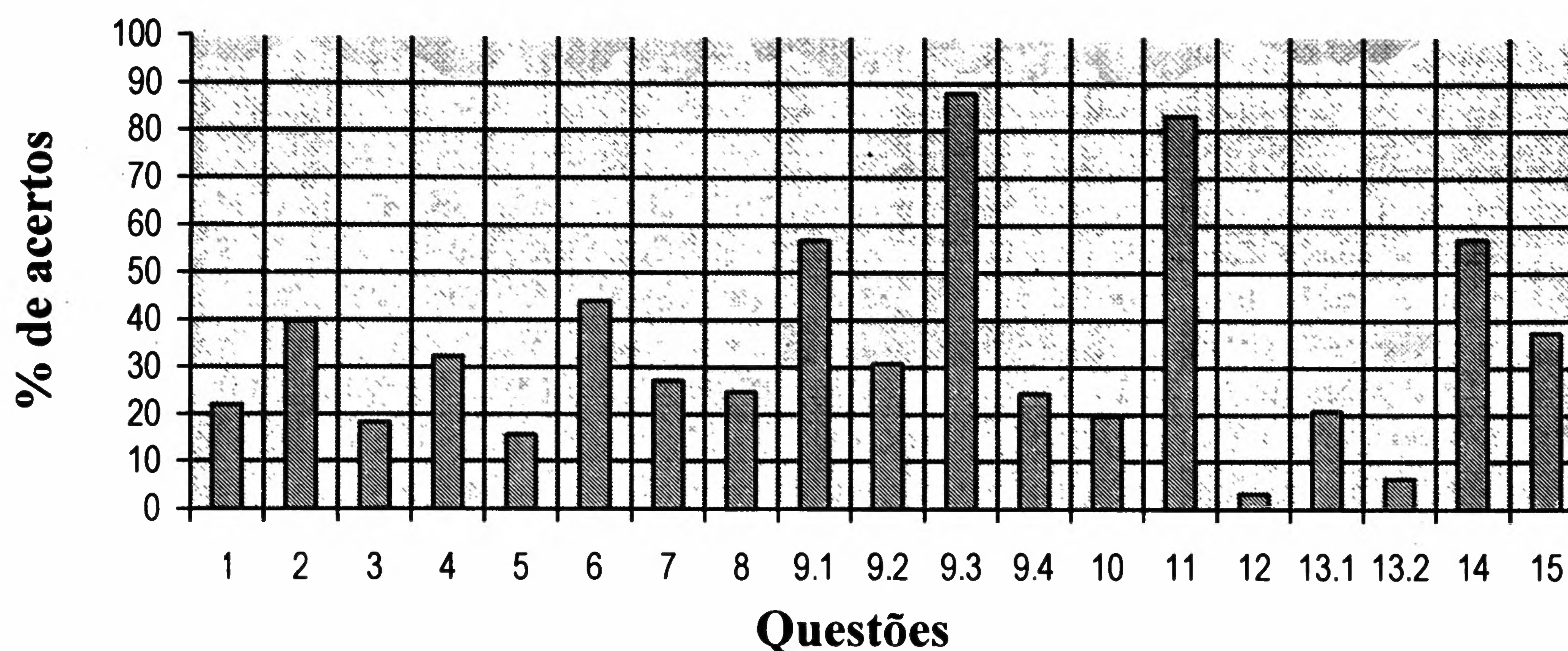


FIGURA 1 Gráfico 1. Teste cognitivo, questões e percentuais de acertos.

A nota, *dez* (10), nota máxima, seria atribuída quando todas as 15 questões fossem corretamente respondidas. Estabeleceu-se, conforme critérios de *dificuldade* e *complexidade*, a seguinte pontuação para cada questão:

- Peso de *meio* ponto (0,5) para as questões de nº: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14 e 15.

- Peso de *um* ponto (1,0) para as questões de nº 4 e 13 (esta subdividida em 2 partes com 0,5 pontos cada uma).

- Peso de *dois* pontos (2,0) para a questão de nº 9 (subdividida em 4 partes com 0,5 pontos cada uma).

Em conformidade com a cultura avaliativa, com a tradição escolar existente, as referências desta avaliação, em termos numéricos oscilam entre extremos de zero (mínimo) e dez

(máximo). A nota *cinco* é considerada como um valor médio, mas também, como um patamar inferior, o qual ao ser ultrapassado implica em aprovação formal. Assim, a nota cinco corresponde ao nível mais acanhado de exigência, para considerar finalizada com sucesso uma determinada etapa serial ou acadêmica. Nesta pesquisa, as notas médias das turmas se situaram entre um máximo de 4,52 e mínimo de 2,32 pontos. Por isso, essas notas médias podem ser classificadas como *muito fracas*. Todas as notas médias de todas as turmas/escolas *ficaram abaixo cinco*. Dos 280 casos estudados, 84,64 %, *obtiveram notas abaixo de cinco, sendo reprovados*. Uma visão geral das notas médias-todas abaixo de cinco, das onze escolas, encontra-se no gráfico a seguir:

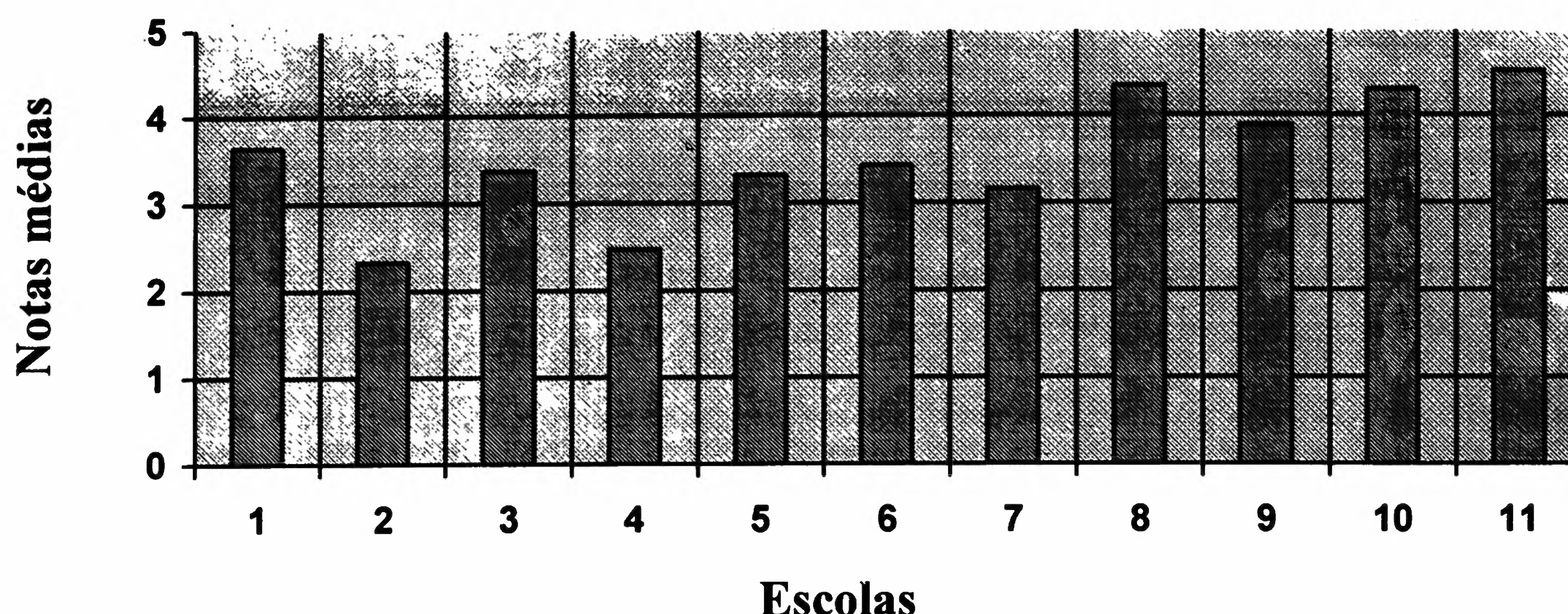


FIGURA 2 - Gráfico nº 2. Teste cognitivo, notas médias por escolas.

Nenhum estudante atingiu a nota *oito*, não foi encontrada nenhuma nota *zero* e a maior nota encontrada foi 7,5. E, ainda que não fosse um objetivo específico deste estudo,

percebeu-se diferenças entre os conhecimentos evidenciados quanto ao gênero conforme o quadro abaixo.

QUADRO 3 - Distribuição de notas por gênero, total e percentuais.

Notas	Masculino - %	Feminino - %	Total - %
- 5,0	86,48	83,43	84,64
5,0	5,40	3,55	4,28
5,5	3,60	8,87	6,78
6,0	2,70	2,95	2,85
6,5	0,90	0,0	0,35
7,0	0,0	0,59	0,35
7,5	0,90	0,59	0,71

As notas das moças foram levemente superiores a dos rapazes, Do total dos escolares, 15,36% obtiveram nota superior a 5,0 (16,57% das moças e 13,52% dos rapazes). As médias das notas das moças foi de 3,53 ($\pm 1,35$) e dos rapazes de 3,29 ($\pm 1,36$), não se encontrando diferença estatisticamente significativa entre essas médias ($t = 1,393$, $p = 0,1647$).

DISCUSSÕES

Mesmo que, quando da aplicação do teste, o Autor explicasse, demonstrasse e se esforçasse a fim de que não pairassem dúvidas quanto ao entendimento do que cada questão, percebe-se que ocorreram alguns erros, oriundos de equívocos na interpretação dos enunciados por

parte dos escolares. Porém, na cultura escolar, no cotidiano avaliativo, deficiências interpretativas são comuns e ocorrem em todas as provas escritas, de qualquer matéria escolar.

De estudos anteriores, não publicados, feitos a título de "teste piloto informal" - o Autor trabalha com testes cognitivos no NME desde 1982 - bem como de posteriores pesquisas, verifica-se que, replicando esta pesquisa, não se encontram diferenças significativas das respostas aqui explicitadas.

Cumpram também destacar que, como não era objetivo deste estudo, não se pode definir, com a devida precisão, qual a origem dos conhecimentos evidenciados pelos escolares. Nas suas respostas, os escolares revelaram o alcance de seus conhecimentos. Conhecimentos estes, decorrentes de todas as suas experiências de vida,

de seus gostos e interesses e, que representam o somatório de tudo o que conseguiram apreender das diversas fontes de informação existentes na sociedade. Consequentemente, esses conhecimentos, não resultaram somente do que aprenderam no NME ou somente na escola, mas sim, decorrem, objetivamente, de suas trajetórias de vida.

Encontra-se numa situação paradoxal: por um lado os escolares que obtiveram maiores notas são os que tiveram maior quantidade aulas de EFE, por outro lado, conteúdos cognitivos - os quais, presumivelmente, ocorrem, informal e esporadicamente, no cotidiano escolar tem uma importância tão pequena que nem são citados como conteúdos de EFE pelos próprios estudantes.

Ao se discutir o conhecimento dos escolares, por interação dialética, também se estará tratando dos seus desconhecimentos. Desconhecimentos estes referentes à presente pesquisa, pois, *acredita-se que os escolares dispunham de inúmeros conhecimentos sobre outros elementos da EFE, os quais não foram avaliados*. Ainda que os aspectos negativos sejam mais salientes, os índices de conhecimentos dos escolares revelam uma certa positividade e importância que tem a EFE. *Pensa-se que, sem a EFE, os alunos concluiriam o NME ainda com maiores limitações culturais*. Se a escola revela deficiências, na realidade da exercitação motora não-escolar, sem interesses educativos explícitos - mas sim vinculados somente com práticas "ainda mais descompromissadas pedagogicamente" - não se encontram espaços onde esses conhecimentos poderiam ser tratados.

Coerente com a proposição da necessidade pedagógica dos professores de EFE desenvolverem "práticas pedagógicas generalistas" em especial no NME e, consideradas também as maximizadas capacidades intelectuais e motoras dos escolares, a presente testagem cognitiva abrangeu temáticas diversas, mas, em instâncias derradeiras, referenciadas pela exercitação física. A interação entre o geral e o particular na EFE, é constatada na abordagem de questões "periféricas": História, Política e hábitos de vida, e questões "centrais": Ginástica, aquecimento pré-desportivo e flexibilidade.

Tematizou-se o *imediato*, o cotidiano; o *passado*, no chamado Século de Péricles, na Grécia Antiga; e o *futuro*, quanto a frequência cardíaca teórica máxima calculada aos 40 anos de idade. Abordou-se o *individual*, relaxamento, qualidade de vida e o *coletivo*,

legislação sobre regulamentação da Educação Física e direitos constitucionais. Enfocou-se a corporeidade na perspectiva da sua totalidade, *ósteo-muscular*, solitação membros inferiores, do tronco e de membros superiores; *orgânica*, resistência aeróbica, frequência cardíaca; *biomecânica*, posição para levantar peso do solo e *capacidades motoras*, relaxamento e flexibilidade. Voltou-se para a EFE, com finalidades objetivas, "instrumentais", tematizando aspectos específicos de práticas gimnicas-desportivas: *início*, atividades preparatórias para práticas esportivas; *desenvolvimento*, exercícios ginásticos, de força e de flexibilidade, técnica respiratória em corridas, acompanhamento da frequência cardíaca e *finalização*, relaxamento corporal; onde essas práticas acontecem concretamente e suas imbricações históricas, sociológicas, políticas e legislativas.

Todas as temáticas que compuseram o teste são de relativo fácil acesso aos professores de EFE. Não se recorreu a nenhuma informação a qual não tivesse sido publicada, em Português, já há algum tempo. Algumas podem ser consideradas como "de domínio público" de tanto aparecerem nos meios de comunicação, como o caso do exercício abdominal ou de hábitos para melhorar a qualidade de vida.

A análise de variância *one-way* informa que as notas dos escolares das cidades mais populosas e onde existem instituições de formação de professores de Educação Física, ainda que mais elevadas, não apresentaram diferenças significativas sobre as notas dos escolares de cidades sem esses atributos. *As notas médias mais altas não se explicam nem pela maior aglomeração populacional, nem pela influência da existência de uma faculdade de Educação Física, e conseqüentes maior circulação de informação e maiores possibilidades culturais, tais como ocorrências de eventos relativos à Educação Física, cursos, congressos, etc.*

Esse procedimento estatístico revelou, ainda com diferença não significativa, que as notas médias dos escolares participantes ativos nas aulas de EFE fossem mais altas que as notas médias dos dispensados. Associado as diferenças de nota a favor de três aulas de EFE semanais, o presente dado, contribui para inferir-se quanto a *positividade* das aulas regulares de EFE. Pois, quando responderam a prova, *os escolares* ativos na EFE, dispunham de mais conhecimentos que os *escolares sem estas aulas*.

A análise de variância também

mostrou que os alunos que apenas se exercitam nas aulas regulares de EFE tiveram médias de notas superiores aqueles que também o fazem extra-escolarmente. Então, a exercitação física não-escolar não contribuiu para elevar os conhecimentos de seus sujeitos. Infere-se, que, mesmo que pouco, *aprendeu-se mais sobre EFE na escola e não fora dela*. Contraditoriamente, devido a ausência explícita de conteúdos cognitivos no cotidiano da EFE, estes dados, no mínimo questionam ao que informam Barros (1992) e Florindo *et alii* (1997), quanto a origem dos conhecimentos dos escolares.

Depondo favoravelmente às concepções pedagógicas conteudistas, como em Snyders (1978) e Saviani (1986), como *o conteúdo ginástico era proporcionalmente maior entre as moças*, e como haviam questões muito ligadas a essa temática, possivelmente, isto ajude a explicar as maiores médias de notas obtidas pelas alunas. Ainda que a diferença não fosse estatisticamente significativa, provavelmente pelos conteúdos de muitas questões, as quais centravam-se explicitamente para com a qualidade de vida, a qual está fortemente atrelada a estética e hábitos de saúde e, como as adolescentes se preocupam mais com esses assuntos, acredita-se que isso contribuiu para que elas registrassem notas mais elevadas. Não apenas com base na psicologia do desenvolvimento, mas da vivência do cotidiano escolar, sabe-se que, como o gênero feminino matura mais cedo que o masculino, assim, infere-se que as *noções de higiene, autoconceito corporal, também concorreram para que as moças se destacassem positivamente*.

É “curiosa” a constatação de que, na medida em que as médias das notas eram mais altas a renda familiar diminuía. Isto é, no mínimo, estranho, pois a elevação da renda se associa fortemente a maiores possibilidades de acesso aos bens culturais e freqüência a escolas mais bem aparelhadas para a EFE. Mas essa correlação, além de indicar que as práticas extra-escolares não influem sobre o conhecimento, revela também as condições materiais existentes para a EFE não diferenciam cognitivamente seus alunos. Este dado, reforça a inferência de que, o conhecimento tematizado neste estudo sofre influência da escola. Assim, *maior renda não se traduz, linearmente, em maior conhecimento*, muito pelo contrário, indica, perigosamente, que a pobreza pecuniária se aproxima da riqueza intelectual ...

Os estudantes daquelas escolas nas quais as aulas regulares de EFE tinham freqüência

semanal de 3 vezes tiveram médias de notas superiores, significativas estatisticamente, que os escolares com aulas somente 2 vezes por semana, mesmo com as “dobradinhas” Associada à diferença favorável aos alunos praticantes de EFE, confrontados com os alunos dispensados, e com prática extra-escolar, verifica-se que, com todas as análises contraditórias possíveis, existe uma relação direta (dialética ?!) entre quantidade de aulas e qualidade das notas dos escolares. *Mais aulas regulares de EFE, melhores notas*. Essa relação, entre tempo qualificado de aprendizado e resultados positivos na EFE, “quase como um imperativo pedagógico”, também, é encontrada em Siedentrop (1983), Pieron (1988) e Carreiro da Costa (1995). Devido a contradição da ausência de conteúdos cognitivos de EFE listados pelos escolares, na argumentação em defesa da escola, possivelmente, pode se apoiar em Pereira (1994), que cita a existência de interesses individuais dos escolares vinculados a particulares capacidades de captar e assimilar informes verbais feitos pelos professores durante o desenvolvimento de suas aula. E, também, as diferentes práticas pedagógicas dos diferentes professores, com suas maneiras singulares de agir, bem como as atuais possibilidades sócio-culturais ligadas a Educação Física.

As questões com *os maiores percentuais de acertos*, acima de 80%, foram, respectivamente, a que solicitava indicar a musculatura principal envolvida no exercício ginástico “Abdominal”, com 87,8%, e que a pedia para marcar qual a posição corporal mais apropriada para levantar um peso do solo, com 83,2 %. A venda, pela televisão, de aparelhos ginásticos, com ênfase para os abdominais, a relação direta do abdome com a estética e a relação entre a denominação popular desse exercício ginástico com o principal músculo agonista, possivelmente, contribuíram para o alto percentual de acerto. Já para os acertos da questão atinente a posição corporal adequada para elevar o peso do solo, não se tem muitos elementos para sua explicação. Será que, em escolas cujos programas não continham aulas teóricas, e cujos escolares revelaram erros crassos quanto exercícios ginásticos elementares, estes mesmos estudantes, disporiam de práticas cognitivas ligadas a ergonomia?

Já as questões *com os menores percentuais de acertos*, menos de 10%, foram, respectivamente: a) A requeria completar o espaço em branco, após o cálculo: 220 (número constante)

menos 40 (idade em anos), que indicaria a frequência cardíaca quando aos quarenta anos de idade, com 3,2%; b) A que solicitava indicar um uso do exercício de flexibilidade para a região do tronco-quadril, com 6,4%. Verifica-se que, quando as questões do teste se afastaram do "simples e imediato" e se voltaram para o futuro e para raciocínios mais aprofundados, decresceram, fortemente os percentuais de acertos. Isto pode ser associado as deficiências quantitativas de ocorrência de aulas cujos conteúdos eram *corridas*. As corridas, e as caminhadas, pelo "senso comum" se constituem nas únicas formas de desenvolvimento da resistência aeróbica na ambiência escolar. Também se atribui as deficiências nas práticas pedagógicas os desconhecimentos sobre os motivos da realização dos exercícios de flexibilidade. Essa qualidade física, e esse tipo de exercício, são bem populares entre alunos e professores e, aparecem com frequência no cotidiano escolar (Pereira, 1994). O equívoco pedagógico ocorre quando os professores não informam aos escolares os motivos pelos quais são desenvolvidos os conteúdos, e isso vale não apenas para a Ginástica.

Das três temáticas, as questões de 1 a 5, que tratavam de *História, Sociologia e Política*, tiveram, no seu conjunto, o mais baixo percentual de acertos. Os percentuais de acertos oscilaram entre o maior, 39,6 %, quando a participação apenas dos cidadãos nos Jogos Olímpicos na Grécia Clássica, e o menor percentual, 15,7 % sobre a relação entre a Política e EFE. Novamente se explica-se os insuficientes índices de acertos pela falta de conteúdos cognitivos nas aulas regulares de EFE no NME e equívocos nos processos de ensino. Durante as práticas desportivo-recreativas, com todo o tempo das aulas regulares ocupadas com os escolares jogando e/ou brincando, não poderão ser tratadas, de forma crítica, questionadora e conseqüente, temáticas como História, Fisiologia do Exercício, nem poderão serem feitos vínculos entre a escola e a política. Para que os escolares aprendam é preciso que os professores ensinem. Mesmo atribuindo grande importância ao lúdico e ao esporte recreativo didaticamente desenvolvidos ao lado de práticas motoras otimizadas nas aulas de EFE, defende-se a existência de espaços cognitivos, "espaços de seriedade nas aulas" e implementação de uma visão pedagógica mais aprofundada.

Ainda na "análise qualitativa" dos erros, pode-se destacar:

1. O grande número de itens

deixadas *em branco*, o que compôs o maior número de erros nas questões de nº: 1, 2, 6, 7, 8, 9.2, 9.3, 10, 12, 13,1 e 13.2. Essa forma de "responder" chegou a representar de 54,64 % dos erros dos escolares, como na questão nº 13.2. Lembrando: era solicitado os estudantes que deixassem sem resposta todas aquelas questões sobre as quais não tivessem certeza. Isto, possivelmente, explica a elevada quantidade deste tipo de resposta. Porém isso não impediu que, noutras questões consideradas como respondidas acertadamente pelos estudantes - ocorressem erros gritantes, distantes de qualquer parâmetro de se enquadrar como uma resposta elaborada conscientemente.

2. Marcar na questão nº 3, a alternativa C, um órgão estatal fictício, demonstrando, na época, um enorme desconhecimento quanto a problemática da regulamentação da profissão de professor de Educação Física e as possibilidades de, fora da escola, se exercitar sob a responsabilidade de profissionais qualificados. Inicialmente *uma abordagem classista fundamental*: se os professores de EFE não tratarem de questões legais e culturais, as quais os afetam profissionalmente – Lei nº 9.696 (1998) e seus desdobramentos que outros educadores o farão no âmbito escolar? E mais, a exercitação física não-escolar existe enquanto fato concreto, e muitas vezes nas mãos de leigos. Daí o "imperativo pedagógico" do professor de EFE alertar para o fato de que, em certos tipos de exercitação física, como na musculação, as bases científicas quanto a Nutrição, Fisiologia e Biomecânica, etc., terem importância vital. É *uma necessidade pedagógica* a interligação da EFE, da cultura escolar, com a cultura não-escolar!

3. Responder somente "não", deixar em branco, redigir parágrafo desconexo ou colocar respostas incompletas na questão nº 4. Isto revelou uma alienação muito grande por parte dos alunos. Por vezes os alunos respondiam que a posição social somente era relevante apenas na exercitação física não-escolar, visto que na escola a "EFE era para todos ...".

4. Responder, na questão nº 5, que *não exista* nenhuma relação entre a Política e a EFE, e também escrever frases desconexas como "*Nada a ver*"

Uma imediata compreensão de verbalizações mais elaboradas poderiam ser requerida de adolescentes de última série do NME. Mesmo assim, explicou-se pacientemente todas as questões e buscou-se o entendimento de cada

palavra dos enunciados. Acredita-se, pois, que "os erros foram conscientes".

As questões nº 4 e 5, ao serem analisadas em conjunto, explicitam dados no mínimo preocupantes. Em vários casos os estudantes apenas respondiam afirmativamente na questão nº 4, sem esclarecer a afirmação. Pereira (1988), elenca, de forma interagente e multifatorial, como elementos determinantes da prática da cultura física, de pessoas sadias, normais e vivendo, na atualidade, grupalmente e em meio urbano, a necessidade da existência de: a) tempo livre, b) instalações disponíveis, c) conhecimentos/gostos/educação, d) disponibilidade pecuniária, de posses monetárias, vinculada objetivamente a questão sócio-classista. As práticas culturais, e seus níveis quantitativo e qualitativo, decorrerão dos sujeitos gostarem e terem habilidades/proficiência, disporem de tempo para essa atividade e acesso em determinados locais, próprios para tal. E estes elementos valem tanto para as práticas não-escolares como para a EFE.

A interligação entre a política e a EFE é um dado da realidade objetiva. Nas escolas essa interligação tem inúmeros casos a serem tematizados, tais como:

Na abordagem, clara, desapaixonada e realista das inúmeras greves do magistério estadual gaúcho.

- Nas mudanças da nova LDBN, que muito afetaram a EFE.

- Nas disponibilizações financeiras para a construção de ginásios e quadras esportivas nas escolas.

Essa "alienação política" dos alunos do NME, já fora verificada por Pereira (1994) e confirmada por estatísticas da Justiça Eleitoral gaúcha quanto aos desinteresse dos jovens pelo voto, visto a queda de 35%, num período de dois anos, do número de adolescentes eleitores, entre 16 e 18 anos, no RS (Jornal Zero Hora, 1998). Dados da UNESCO, em pesquisa nacional divulgada pela Agência Estado, informam que 21% dos adolescentes, entre 15 e 20 anos de idade, das classes C, D e E (populares) acreditam que a ditadura é o melhor regime de governo, sendo que somente 35,5% desta amostra é a favor da democracia (Jornal Diário Popular, 1999). Neste estudo, a juventude, não universitária, mais qualificada escolarizadamente, revelou uma postura alienada quanto a ligação entre a escola, a EFE e a Política, com respostas negativas simplistas, típicas do "analfabetismo político" do desdém para com a coisa pública e participação

social. Foram sintomáticas algumas escritas dos escolares, tais como: "As duas (EFE e Política) são uma babaquice sem fundamento." "As duas não funcionam muito bem." "Na política há muitas artimanhas para enganar o povo"

5. Na questão nº 9.1, citar que a musculatura principal seria "peito" ou "tórax" como se existissem músculos com essa nomenclatura, desconhecendo que a extensão do cotovelo é de responsabilidade direta do tríceps braquial. Já na questão 9.2 houve casos dos escolares identificarem como "abdominal" a musculatura responsável pelo retorno do tronco da inclinação frontal à posição ereta e, logo a seguir acertavam a questão sobre o exercício abdominal.

6. Na questão nº 9.4, identificar "pernas" como "músculo" e como responsável pela extensão do joelho e retorno do corpo na posição vertical. Neste caso presencia-se uma "vitória" do senso comum: membros inferiores equivalem a pernas, e coxas "são" pernas. Erros primários de Anatomia. No cotidiano escolar estudado por Pereira (1994) a Ginástica ocupou uma posição muito secundária e não era desenvolvida de forma a que os escolares sentissem seus corpos, vivenciassem a corporeidade enquanto estimulada, sob esforço. Aqui, os escolares também indicaram que o conteúdo de EFE com Ginástica eram minoritários comparados com os conteúdos esportivos. Deduz-se, pois, que os *escolares não disponham de práticas e conhecimentos, com consciência corporal-cinestésica*, os quais propiciassem análises críticas e abstrações, associações entre suas vivências cognitivo-motoras e as questões do teste. Dispõe-se, assim, de fortes indícios que o ensino da EFE, no tocante à Ginástica, apresentava sérias deficiências quanto o seu aprofundamento didático-pedagógico. Do estudo acima citado, a Ginástica ou era usada como e no "aquecimento" de forma muito limitada quanto ao conteúdo e ao tempo a ela dedicado - ou então só utilizada, esporadicamente, em dias de mau tempo e quando as instalações escolares assim o permitiam. Considerando as respostas dos escolares, diferentemente do proposto por Pereira (1988), percebe-se que não ocorrem questionamentos didáticos sobre os conteúdos de EFE: *como, porque, quando, para que e para quem*.

7. Na questão nº 11, onde os escolares tiveram 83,21% de acertos, todos os erros implicaram em indicar posições equivocadas de levantar o peso do solo, sobrecarregando a coluna lombar. E, estes erros também merecem atenção

quando do cotidiano escolar.

8. Na questão nº 14, listar apenas *dois procedimentos* para melhorar a qualidade de vida. Atualmente, a qualidade de vida é um tema "da moda" Existem, desde programas de televisão até congressos de Educação Física tratando da "qualidade de vida" Ela transita pela sociedade em geral e pela ambiência acadêmica em particular, sendo tratada em faculdades de Arquitetura, Nutrição, Direito, Medicina, Educação Física, dentre outras. A qualidade de vida, quer relacionada com espaços de lazer; com qualidade nutricional; direitos de cidadania; ou a reabilitação pós-cirúrgica; também interage com a exercitação física. Mas as respostas dos escolares neste tópico deixaram novamente a desejar. Neste estudo, mais de 75% dos escolares não souberam interligar a tríade: repouso, alimentação e exercício. Isso induz a que, essa temática, associada fortemente com a EFE, não é motivo de adequado tratamento didático na escola.

9. Na questão nº 15, marcar a letra D, *uma alternativa anti-fisiológica*, inspirar somente pelo nariz com o abdome contraído. Questionando se esse erro não decorre de equívocos técnicos-gestuais, vivenciados pelos escolares durante as suas práticas motoras, pode-se associa-lo aos baixos percentuais de ocorrências de corridas como conteúdos de EFE, 4,91%, e de exercitação física extra-escolar, 3,31%. Pouca prática, "quase nenhuma" teoria e os escolares informam erradamente como proceder num importante e desprestigiado exercício. E esse problema é antigo. No cotidiano escolar estudado por Pereira (1994), os escolares do NME demonstravam forte resistência a participar das aulas, quando lhes era proposto conteúdos com corridas.

10. Outras respostas dos escolares também confirmam que a vida cotidiana também não é tematizada na EFE. Veja a questão nº 8, sobre relaxamento corporal, algo importante para o modo de vida moderno. Possivelmente, devido a ausência deste tipo de exercício nas aulas regulares de EFE os escolares não souberam responder questão. Esportes coletivos de quadra, ainda mais quando utilizados recreativamente, não deixam espaços específicos para este tipo de exercício. Conteúdos ginásticos, os quais, quanto a sua estrutura de desenvolvimento, poderiam, mais facilmente incluir o relaxamento corporal, são

muito reduzidos na ambiência escolar. E, exercícios de relaxamento não são citados nos estudos sobre o cotidiano do NME (Moreira, 1992 e Pereira, 1994). Otimistamente, mesmo errando, os escolares se mostraram bem intencionados, prescrevendo, "alongamentos" ou "ficar deitado"...

11. Por vezes, um grande número de estudantes, de uma mesma escola, redigiam respostas similares, como apenas citar apenas "corridas" ou "alongamentos", como sendo a totalidade e as únicas formas dos procedimentos de aquecimento antes de jogar Voleibol. O período do ano citado no enunciado indicava que a temperatura seria amena, o que simplificava a situação. Mas os escolares sem interligar procedimentos gerais e particulares, em seus erros, indicaram somente exercícios generalistas, não se atendo às especificidades próprias do esporte. Corridas ou alongamentos poderiam servir para corridas, do Atletismo, ou para o Futsal, e as exigências corporais destes esportes divergem acentuadamente, das exigências do Voleibol.

12. Na questão nº 12, sobre a frequência cardíaca máxima teórica calculada, também foram muito citados números aleatórios, induzindo a um total desconhecimento quanto a um cálculo simples, o qual serve de parâmetro orientador do nível de esforço quando de exercício aeróbico.

Esta e outras questões, com procedimentos relativos a qualificação da exercitação física numa perspectiva de futuro, voltadas para a vida real dos escolares, devido aos baixos indicativos de acertos, inferem, fortemente, a que *nem o futuro era didaticamente tematizado, e nem as práticas imediatas foram assimilados criticamente* pelos escolares.

Historicamente verifica-se que os indicativos de conhecimentos de EFE dos escolares gaúchos de há muito deixam a desejar. Pereira (1984) realizou estudo com 419 casos, todos estudantes de última série do NME, 41,8 % alunos e 58,2 % alunas, de 19 cidades, em 19 escolas pertencentes à rede estadual de ensino. E em 1995, avaliou-se os conhecimentos de 61 estudantes do mesmo adiantamento, 57,3 % de alunos e 42,7 % alunas em escola profissionalizante, pertencente a rede federal de ensino (Pereira, 1996).

Os resultados destes estudos apresentam-se no quadro a seguir:

QUADRO 4 - Questões, percentuais de acertos em 1984, 1995, 1998 e diferenças.

Questões	% de acertos	1984 (a)	1995 (b)	1998 (c)	Dif. pró:
Técnica respiratória em "corrida aeróbica"		13,5 %	59,0 %	37,5 %	b
História da EF (J. O. Grécia Antiga)		27,1 %	44,2 %	49,6 %	b
Musculatura responsável no exerc "Apoio"		83,4 %	93,4 %	56,8 %	b
Idem, idem "Agachamento"		90,5 %	3,2 %	24,3 %	a
Idem, idem "Inclinação Frontal"		14,5 %	22,9 %	30,7 %	c
Idem, idem "Abdominal"		77,4 %	83,8 %	87,8 %	c
Média de acertos		51,06 %	51,08 %	46,11 %	

Os dados de 1998, comparados com 1984, apontam para melhora nos percentuais de acertos de quatro questões e piora em duas. No geral, o atual percentual médio de acertos é inferior ao encontrado em 1984 e 1995, os quais mal ultrapassam 50 % e, somente a questão sobre exercícios abdominal mantém um percentual de acima de 80 % desde 1984.

Mas a realidade brasileira, política e cultural mudou positivamente desde a década de oitenta. Desde os meados dessa década, novamente em nosso país existem liberdades democráticas e possibilidades de na escola, se tratar, didaticamente - sem dogmas e sem proselitismos a interligação da Política com a EFE. Exemplificadas na maior quantidade de revistas populares e científicas sobre a Educação Física, em comparação a vinte anos atrás, atualmente, existem maiores disponibilidades de informações. Dispõe-se, também, de um maior contingente de profissionais licenciados em Educação Física, e de cursos de mestrado e doutorado. Nestes últimos anos, o "relativo" (e criticável) sucesso esportivo brasileiro em diversos esportes, possibilitou pluralistas emulações, rompendo com o *monoculturismo futebolístico*. Mais recentemente, tem-se significativas aparições, em particular na mídia, de aparelhos ginásticos. E a despeito de tudo isso, os escolares, neste teste, revelaram deficientes conhecimentos. As possibilidades política e culturais existem, mas o "lado bom" da cultura física e da nossa realidade social, parecem não chegar até a escola.

Considerando essa realidade, paradoxal, "ousa-se", atribuir os deficientes indicativos de conhecimentos dos escolares também as condições sócio-econômicas-culturais, inicialmente dos professores e, secundariamente, de seus alunos.

As condições sociais e econômicas são adversas aos professores do NME porque, como, de modo geral, eles exercem dois ou três

empregos, isto lhes limita o tempo destinado a se voltar para a proficiência cognitiva-motora, pois a elevação do teor qualitativo no desenvolvimento cotidiano de suas aulas, implica em conseqüente aumento quantitativo de tempo de trabalho docente: planejar, estudar, avaliar, discutir, re-avaliar, etc. (Pereira, 1994).

A cultura circundante, é considerada como um elemento negativo, devido a aceitação tácita do paradigma desportivo-recreativo vigente, tanto por parte dos professores como por parte dos alunos, de seus pais e "de toda a sociedade" O apelo esportivo na sociedade e em todas as formas de comunicação social é intenso e, desde os primeiros contatos formais com a EFE, no Ensino Fundamental as práticas esportivo-recreativas, são vivenciadas como conteúdos, majoritários (Kunz, 1991; Molina Neto, 1993; Pereira & Berni, 1999; dentre outros). De modo geral, na EFE, existe uma associação perversa, antiga e reducionista, quanto ao uso *somente* do esporte como conteúdo. O fácil apelo do lúdico esportivo, a influência da cultura extra-escolar, transportada linearmente "da rua para a escola" tratada acriticamente durante práticas pedagógicas minimizadoras e, em interação com as adversas condições econômicas dos professores, "quase que os obrigam" a utilizar, limitadamente, o esporte como conteúdo de EFE. Ao propiciar práticas desportivas, pode o professor até "descansar", observando seus alunos jogarem. E estes, por terem períodos de prazer esportivo - por vezes únicos, tanto na escola como fora dela - aceitam isso inquestionavelmente. O lúdico e o prazer, também na escola, *são extremamente importantes*. Porém, equivocadamente, a sua hegemonia, e seu uso simplificado, contribuem para que EFE assumam a condição de atividade eminentemente recreativa e descompromissada, social, cultural e pedagogicamente.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa buscou avaliar o conhecimento sobre EFE dos escolares do NME, a partir de determinados juízos de valor, emoldurados dentro de uma concepção pedagógica. Entende-se que o conhecimento é um componente real e orientador consciente da prática. No universo pedagógico da EFE, sua assimilação crítica é motivo de elevação do teor qualitativo das aulas, onde práticas imediatas e futuras podem contribuir, positivamente, para com a cultura dos escolares. E, dentro de sua esfera de ação, suprir suas necessidades individuais e, conseqüentemente, da sociedade. Ainda que, no futuro próximo não se tenha segurança de que os escolares, os quais evidenciaram maior conhecimento, serão aqueles que mais apropriadamente se exercitarão, infere-se, muito fortemente, que, aqueles estudantes, com menor capacidade cognitiva, em tese, dispõem de menores possibilidades de fugir, conscientemente, do sedentarismo, da alienação, e/ou de práticas imitativas.

O conhecimento da EFE, aqui tratado, fulcrado epistemicamente em unidade com a prática, se caracteriza também por se afastar do idealismo diletante ou por vincular-se à capacidades meramente “ilustrativas” sem significação para a vida cotidiana. Entende-se que o conhecimento é propedêutico, em interação dialética, sendo fim em si mesmo e mediação pedagógica. Possui valor intrínseco e requer se objetivar nas práticas motoras. Alia-se a qualidade de vida como um elemento preditivo de convicções, pois para se estar convicto de algo, é necessário, primeiramente, o conhecimento sobre esse algo. Com conhecimentos apropriados, os sujeitos das práticas podem dispor da cultura de forma mais correta, mais técnica e mais crítica.

Desta prova cognitiva, com todas as suas particularidades - existiam questões de amplo espectro de resposta (inter-relação entre Política e Educação Física), questões de restrito equacionamento (cálculo da frequência cardíaca máxima teórica aos 40 anos de idade), questões “alheias ao senso comum da EFE” (Constituição brasileira, de 1988) e questões de “domínio público” (exercício Abdominal) inicialmente, pode-se concluir que os escolares dispõem deficientes conhecimentos. Somente 15,36% dos 280 casos estudados obtiveram nota acima de 5,0, inferindo-se a falhas nos processos formais de ensino.

Este estudo sobre a realidade

existente, não pode ser entendido, reducionistamente, como uma depreciação explícita da EFE. Consiste em mais um momento de divulgação de dados de realidade histórica, captado por meio de pesquisa. É uma contribuição modesta, a qual se propõe, dentro de suas limitações, em qualificar o questionamento sobre a EFE brasileira, em particular a riograndense.

Em concordância com estudos anteriores, os resultados da presente pesquisa corroboram o que Pereira (1984, 1988, 1994, 1996, 1998a e 1998b), já afirmava: *que os estudantes concluem o NME com sérias deficiências cognitivas*. Também percebe-se, que existe uma grande senda a trilhar, pois, na medida em que a exigência dos conhecimentos se afastam do senso comum, o desconhecimento avança e conseqüências positivas de um fazer pedagógico mais aprofundado ainda não aflora.

Os deficientes percentuais de acertos aqui encontrados, associados com informes dos escolares sobre os conteúdos de ensino, e dos estudos sobre a EFE no NME, reafirmam que *o paradigma esportivo-recreativo não dá conta da necessidade de elevação das exigências pedagógicas*. Acredita-se que para otimizar os conhecimentos dos escolares são necessários momentos de qualidade cognitiva nas aulas de EFE. E isto é um processo complexo, pois, em particular no NME, com os escolares acostumados a associar a EFE com prática a desportivo-recreativa, eles resistem ao tempo e procedimentos destinados aos aprofundamentos pedagógicos e didáticos dos conteúdos de ensino.

É com tristeza, e um certo sentimento de impotência, que se divulga os dados negativos aqui encontrados. De há muito (Pereira, 1988) chama-se para os profissionais com curso superior de Educação Física, a responsabilidade para com a aptidão cognitivo-motora da sociedade, em particular dos estudantes. Quem, se não foram esses professores, no universo escolar e não-escolar, poderá, de modo significativo, contribuir para que os cidadãos disponham de conhecimentos, convicções, e práticas, visando, no imediato e no futuro, saudáveis hábitos de vida e otimizados níveis de aptidão física, cognitiva e habilidades motoras, de modo possam usufruir dos seus benefícios daí decorrentes?

Visando sanar as deficiências cognitivas dos escolares, os resultados deste estudo também apontam para questionamentos, interligados, envolvendo fazeres pedagógicas objetivos e elementos econômico-culturais.

Denota-se problemas bem mais aprofundados do que apenas "se preocupar" com o conhecimento, porque o seu tratamento didático no cotidiano escolar, demanda, além de capacidades pedagógicas, tempo e espaço para que, em conjunto com objetivos, planejamento, desenvolvimentos das aulas, processos avaliativos e apropriados materiais, um amplo e aprofundado equacionamento, de forma democrática, participativa e responsável. Como os docentes dispõem de pouco tempo e quase nenhum incentivo, em especial pecuniário, para tal dedicação aos alunos, inter-relacionam-se problemas, por um lado, atinentes às individualidades, às práticas pedagógicas, e por outro, mais amplo, de cunho social e cultural, com forte influência do fator econômico. E, o estágio da atual formação político-

econômica brasileira e gaúcha, ainda não se volta, significativamente, para com a elevação cultural, escolar e não-escolar, das camadas majoritárias da nossa população.

Para não se ater somente a denúncia, visando, modestamente, auxiliar a superar as deficiências aqui citadas, propõe-se, como *uma* alternativa, num plano mais imediato, que as práticas pedagógicas de EFE no NME, ainda que apoiando-se nas tradições de seus conteúdos e buscando positividade na sua superação, utilizem, criticamente, dos dados e referências aqui citadas. E, numa perspectiva, mais ampla, que se pugne, democraticamente, para as necessárias mudanças culturais, políticas, econômicas, as quais envolvem a EFE e nossa sociedade.

ABSTRACT

SECONDARY SCHOOL, PHYSICAL EDUCATION AND KNOWLEDGE

Objectifying to test the knowledge about School Physical Education (SPE), it was used it proves theoretical individual, with 3 thematics: history and society; daily routine and life quality; gymnastics-sport and physiology. It was evaluated 280 students, average of age 17,07 years, 169 girls and 111 boys; everybody with classes during the day, of last series of the secondary school (SC), in 11 different schools, of 11 cities of RS. Oscillating between zero and ten, the largest note was 7,5, the smallest 0,5, with 15,36% of them above 5,0. Same not being significant estatisticamente, they were higher the medium notes: of the girls compared with the one of the boys; of the resident scholars in cities with Physical Education university course compared with the scholars living in the cities without these course; of the apprentices of SPE compared with students without these classes; of the ones that they only trained in the school compared with the ones that they also work out of her. In correlation, rising the scholars' family income diminished its notes. It was statistical significant the difference to the scholars' medium notes with 3 weekly classes of SPE confronted with the scholars' notes with only 2 classes. Subjects on: heart frequency, flexibility and the thematic of history and society they had smaller percentile of successes. SPE is valued by being origin of the found knowledge, but it is also concluded that the scholars evidenced cognitive deficiencies when they conclude at the SC, with approached ignorances of the political-cultural alienation; without critical assimilation of the school and no-school physical culture, what hinders the orientation for the permanent physical activity; revealing the exhaustion of the school sport-recreational paradigm and being inferred to educational problems, centered in insufficient pedagogic practices, which reflect problems involving teachers, students, culture and society.

UNITERMS: School physical education; Secondary school; Knowledge.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDINI, M.I. **Rejeição ou não de alunos as aulas de Educação Física no segundo grau.** Piracicaba, UNIMEP, 1996. Dissertação de mestrado em Educação Motora.

BARROS, J. M. C. Educação Física de 1º e 2º graus: um estudo dos conteúdos e natureza dos programas. *Kinesis*, n.8, p.97-110, 1992.

BLAIR, S.N et alii. Physical fitness and all-cause mortality. A prospective study of healthy men and women. *JAMA*. v.262, n.17, p.2395-401, 1989.

- BRASIL. Dec. **Lei nº 69.450**. 1971.
- _____. **Lei nº 9.394**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 20.12.1996.
- _____. **Lei nº 9.696**. Regulamenta a profissão de Professor de Educação Física. 1º.09.1998.
- CARREIRO DA COSTA, F. **O sucesso pedagógico em Educação Física**. Lisboa, FMH, 1995.
- CASPERSEN, C.J., POWELL, K.E.; CHISTENSEN, G. M. Physical activity, exercise and fitness. Definitions and distinctions for health-related research. **Public Health Reports**, v.100, n.2, 1985.
- CURY, C.R.J. **Educação e contradição**. São Paulo, Cortez, 1985.
- De BEM, M. et alii. Atitude dos alunos de II grau frente a Educação Física. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO DESPORTO DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 4., Coimbra, 1995. **Anais**. Coimbra, 1995.
- De BEM, M. F. L. **Características e perspectivas da Educação Física nas escolas estaduais de 2º Grau na Grande Florianópolis**. Florianópolis, UFSC, 1995. Dissertação de Mestrado em Educação Física.
- DEMO, P. **Conhecimento moderno**. Petrópolis, Vozes, 1997.
- FARIA JUNIOR, A., org. **Fundamentos pedagógicos da educação física I**. Rio de Janeiro, Livro Técnico, 1986.
- FLORINDO, A.A. et alii. Contribuições da educação física escolar à educação para a saúde. In: SIMPÓSIO BRASIL 97. Santos, 1997. **Anais**.
- GOULART PIRES, E.A. et alii. Relato de experiência do desenvolvimento da proposta educação para a atividade física e saúde na primeira série do II grau. da Escola Técnica Federal de Santa Catarina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE, 1., UFSC. Florianópolis, 1997. **Anais**.
- GRANSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
- GRASSI, M. A. **Educação física na escola de 1º e 2º graus: prática esportiva?** Piracicaba, UNIMEP, 1994. Dissertação de mestrado em Filosofia da Educação.
- GUEDES, D.P.; GUEDES, J.P. Características dos programas de educação física escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, v.11, n.1, p.49-62, 1997.
- HELLER, A. **Teoria de las necesidades en Marx**. Barcelona, Península, 1978.
- _____. **Teoria de los sentimientos**. Barcelona, Fontanamara, 1982.
- _____. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Anuário estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro, IBGE, 1997.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Estatísticas educacionais**. Brasília, MEC-INEP, 1999.
- JORNAL DIÁRIO POPULAR. **Democracia perde apoio**. Pelotas, 25.5.1999, p.16.
- JORNAL ZERO HORA. **Jovens mostram desinteresse pelo voto**. Porto Alegre, 29.03.1998, p.6.
- KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudança**. Ijuí, UNIJUÍ, 1991.
- MAKARENKO, A.S. **Banderas en las torres**. Moscou, Progreso, 1976.
- _____. **Conferências sobre a educação infantil**. São Paulo, Moraes, 1981.
- MATHEWS, D. K. **Medidas e avaliação em educação física**. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980.
- MOLINA NETO, V. **A prática do esporte nas escolas de 1º e 2º graus**. Porto Alegre, Universidade, 1993.
- MOREIRA, W.W. **Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica**. Campinas, UNICAMP, 1992.
- MORRIS, J.N. et alii. Vigorous exercise in leisure-time and the incidence of coronary heart disease. **Lancet**, v.1, p.333-9, 1973.
- NEGRINE, A. **O ensino da educação física**. Porto Alegre, Globo, 1983.
- OTTE, J. **Educação física escolar: antropometria, cognição e proficiência motora de praticantes e não-praticantes de basquetebol**. Pelotas, ESEF/UFPel. Monografia de Especialização em Educação Física Escolar. 1996.
- PAFFENBARGER, R.S. et alii. The association of changes in physical activity level and other lifestyle characteristics. With mortality among men. **New England Journal of Medicine**, v.328, p.538-45, 1993.
- PEREIRA, F.M. Testagem de conhecimentos de educação física com alunos de 2º grau. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE DOCENTES DE NÍVEL SUPERIOR NA ÁREA DE GINÁSTICA, 3., ESEF/UFPel, 1982. **Anais**.
- _____. Educação física: uma prática permanente. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, n.53, p.18-22, 1984.
- _____. **Dialética da cultura física: introdução à crítica da Educação Física, do esporte e da recreação**. São Paulo, Ícone, 1988.
- _____. **O cotidiano escolar e a educação física necessária**. Pelotas, Universitário, 1994.
- _____. **Educação física no 2º grau e as mudanças antropométricas, cognitivas e motoras do escolares**. Pelotas, ESEF/UFPel, 1996. Relatório de Pesquisa.
- _____. Aptidão e conhecimento: a educação física escolar e a qualidade de vida. Fase I – Zona Sul do RS: Conhecimentos. **Artus/AISEP**, n.97, p.187, 1997.
- _____. **Aptidão e conhecimento: a educação física escolar e a qualidade de vida**. Pelotas, ESEF/UFPel., 1998a. Relatório de Pesquisa.

- _____. Conhecimentos de educação física e cultura gímnico-desportiva extra-escolar de estudantes de 2º grau no RS: Sobre duas pesquisas de 1984 e de 1998. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE-CELAFISCS, 21., São Paulo, 1998b. **Anais**. p.68.
- PEREIRA, F.M.; BERNI, K.D. Educação física escolar: os conteúdos das aulas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 18., Pelotas, 1999. **Anais**. p.300.
- PIERÓN, M. **Didáctica de las actividades físicas y deportivas**. Madrid, Gymnos, 1988.
- PIRES, M.C. et alii. Relato de experiências de educação para a atividade física e saúde nos programas de educação física do II grau do Colégio de Aplicação da UFSC. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE, 1., Florianópolis, 1997. **Anais**.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo, Cia de Letras, 1995.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo, Cortez, 1986.
- SIEDENTROP, D. **Developing teaching skills in Physical Education**. Palo, Alto. Mayfield, 1983.
- SOBRAL, F.; BARREIRO, M. L. M. **Fundamentos e técnicas de avaliação em educação física**. Lisboa, ISEF, 1980.
- SINGER, R.N. Moving toward the quality of life. **Quest**, v.48, p.246-52, 1996.
- SNYDERS, G. **Para onde vão as pedagogias não-diretivas?** Lisboa, Moraes, 1978.
- _____. **Escola, classe e luta de classes**. Lisboa, Moraes, 1981.
- _____. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo, Cortez, 1992.
- STATISTICS FOR WINDOWS. **Versão 5.0**. Statsoft, 1998.
- SUCHODOLSKI, B. **La educación humana del hombre**. Barcelona, Laia, 1977.
- _____. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas**. Lisboa, Horizonte, 1984.
- UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME – UNDP. **Human development report**. New York, 1998.
- VÁZQUEZ, A.S. **Filosofia da praxis**. 4.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

Recebido para publicação em: 21 jul. 1999

Revisado em: 18 set. 2000

Aceito em: 30 out. 2000

ENDEREÇO: Flávio Medeiros Pereira
Rua Dr. Franklin O. Leite, 353
96055-520 – Pelotas - RS – BRASIL
e-mail: flaper@zaz.com.br